

# Fundamentalismo e evangelicalismo latino-americano

Eduardo Vagner Santos Simões<sup>1</sup>

Ana Rosa Cloclet Silva<sup>2</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

O fundamentalismo é um tema de grande destaque nos últimos tempos. A palavra tem sido amplamente usada para designar toda forma de intolerância ideológica, de maneira que, hodiernamente, pode-se falar em fundamentalismos econômicos, políticos e/ou religioso, entre outros fundamentalismos. Quando se trata especificamente do último, o fundamentalismo religioso, observa-se uma eclosão de assuntos que têm inegável relevância: desde o fundamentalismo islâmico e seus atos de extremismo terroristas e ditaduras religiosas no oriente médio, passando pela inserção política cada vez maior de protestantes fundamentalistas, baseados em uma teologia do domínio, chegando aos lamentáveis e, infelizmente, cada vez mais frequentes atos de violência e intolerância religiosa perpetrados por grupos evangélicos contra os locais de culto e praticantes das religiões de matriz africana no Brasil.

Contundo, embora o termo fundamentalismo seja bem aceito enquanto expressão da face violenta e intolerante das religiões, este, originalmente, identifica um movimento específico dentro do protestantismo estadunidense, que, gestado na segunda metade do Séc. XIX, estruturou-se por volta da década de 1920. O fundamentalismo protestante pode ser superficialmente entendido como uma resposta encontrada por parte dos religiosos conservadores ao modernismo. O modernismo, por sua vez, não é o mesmo que Modernidade, mas apenas aqueles aspectos da Modernidade que, de alguma forma, ameaçavam a *pureza da fé*. Em outras palavras, o

---

<sup>1</sup> Bacharel em Direito e Mestrando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUCAMP, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. E-mail: du\_simoes@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em História pela UNICAMP e pós-doutora pela USP, docente no Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUCAMP. E-mail: ana.rosa@puc-campinas.edu.org

fundamentalismo era uma tentativa de defesa da ortodoxia protestante; uma idealização nostálgica, romântica do passado; um apego excessivo à tradição.

Para entender a polêmica modernismo *versus* fundamentalismo é mister compreender certas características do protestantismo estadunidense. Talvez uma das principais características seja que o protestantismo estadunidense é um protestantismo eminentemente evangélico. É importante destacar que o termo evangélico aqui não tem a mesma acepção ampla com a qual é usado na América Latina, a qual abarca todo o espectro de denominações cristãs não católicas: protestantes e pentecostais. Antes, o termo denota um movimento específico dentro do protestantismo, um jeito de ser protestante que remonta aos movimentos avivalistas dos séculos XVIII e XIX, e ao pietismo.

Todavia, quando se fala em evangelicalismo latino-americano, ainda outros cuidados devem ser tomados. Primeiro por causa da dificuldade quanto ao termo evangélico, que na América Latina, por razões históricas, acabou assumindo um significado muito generalizante, como já foi observado acima. Por outro lado, o protestantismo latino-americano tem uma estreita ligação com o protestantismo evangélico - na acepção anglo-saxã do termo. O ímpeto missionário conversionista que ocasionou as missões protestantes na América Latina foi fruto do avivalismo que tomou conta dos EUA nos séculos XVIII e XIX. De tal maneira que o protestantismo latino-americano, embora sua diversidade, pode ser considerado evangélico, ou seja, de uma maneira geral, é herdeiro da práxis e da teologia dos avivamentos. Contudo, evangelicalismo, bem como o anglicismo *evangelical*, são frequentemente usados para designar um grupo e uma teologia específica dentro do vasto e complexo campo religioso evangélico latino-americano. O evangelicalismo latino-americano é parte do *Evangelical Movement*, representado hoje pelo Movimento Lausanne<sup>3</sup>. O Movimento Evangelical será melhor elucidado adiante.

---

<sup>3</sup> O Movimento de Lausanne teve sua origem no Congresso Internacional para Evangelização Mundial em Lausanne, Suíça, em 1974. Congresso que reuniu líderes evangélicos de

É desse grupo, os evangélicos latino-americanos, e sua relação com o fundamentalismo protestante, que se preocupa a presente comunicação. Bem como trazer à baila as discussões a respeito da relação histórica entre evangelicalismo e fundamentalismo e a polêmica : É o Movimento Evangelical apenas uma versão 'reciclada' do fundamentalismo norte-americano?

Para tanto, é necessária uma breve recapitulação histórica e definição do evangelicalismo e do fundamentalismo que são forjados nos EUA a partir de seus contingentes históricos. Obviamente, será uma contextualização histórica muito breve, tanto porque esses assuntos já foram suficientemente explorados quanto porque poderiam tornar esse estudo deveras amplo e fugiriam ao escopo desta pesquisa. Após esse estudo inicial, far-se-á uma breve contextualização do fundamentalismo protestante. Por fim, preocupar-se-á, principalmente, com o evangelicalismo latino-americano e suas relações institucionais e/ou discursivas com o fundamentalismo.

## 2. PROTESTANTISMO NOS EUA

Quando o calvinista francês e estudioso do protestantismo, Emile Léonard, teve seus primeiros contatos com a sociedade brasileira, encontrou aqui, segundo ele, um tipo deformada de protestantismo. Certamente tinha em sua mente, como referencial, os reformados franceses ou protestantismo europeu como um todo. Acontece que significativa parcela do protestantismo latino-americano, o protestantismo de missão<sup>4</sup>, fez antes um caminho longo até chegar ao continente, passando pela Grã-Bretanha e, depois, pelos EUA. Para compreender as características do protestantismo que chegou à América Latina, dois movimentos podem ser chave: o puritanismo e os avivamentos.

---

diferentes partes do Mundo e cuja importância para o evangelicalismo latino-americano reside na recepção positiva da missiologia proposta pelos teólogos da América Latina. O Congresso produziu o documento conhecido como Pacto de Lausanne.

<sup>4</sup> O termo protestantismo de missão corresponde à tipologia usada para diferenciar o protestantismo étnico, aquele que veio com os imigrantes ingleses, alemães, holandeses, suíços, etc., daquele que chegou ao país através de missionários – majoritariamente estadunidenses - cujo intuito era converter a população católica à religião protestante.

## 2.2. Puritanismo

As nuances do protestantismo estadunidense já começam a ser entendidas a partir da história da reforma da Igreja na Inglaterra. A reforma inglesa tem peculiaridades em relação às reformas ocorridas na Europa continental. Deu-se, antes, a partir de uma separação política entre Roma e a Igreja da Inglaterra, que passou a ser governada pelo monarca inglês. A reforma teológica só viria depois do Rei Henrique VIII, que apenas causara a cisão entre a Igreja da Inglaterra e o Papa.

Por outro lado, teologicamente a reforma inglesa foi influenciada pelo calvinismo. Teólogos egressos de Genebra, Suíça, retornavam à Inglaterra com suas ideias teológicas e eclesiológicas adquiridas no continente. Gerou-se uma grande tensão entre a Igreja estatal e os puritanos, um grupo de calvinistas desejosos de uma reforma mais radical e a separação entre Estado e Igreja (os puritanos eram, majoritariamente, adeptos do governo eclesiástico presbiteriano ou congregacional).

No Séc. XVII, devido à intensificação da perseguição que sofriam, os puritanos migraram da Inglaterra para as Colônias norte-americanas. Um marco simbólico deste êxodo são os *pais peregrinos* a bordo do navio Mayflower em 1620. Estes colonos se viam como o *Povo de Deus* peregrinando em direção à *Canaã*, a *Terra Santa*. Eram entusiastas de ideia de criar uma nação cristã e democrática, onde seriam praticadas a piedade e uma ética protestante rigorosa, ascética. E a Bíblia seria um elemento central em sua vivência.

Percebe-se na herança puritana a origem tanto do *messianismo* e *exclusivismo* quanto do *biblicismo* como características importantes do protestantismo estadunidense.

## 2.3. Avivamentos

Outro momento importante na história do protestantismo estadunidense são os avivamentos, ou despertamentos. Esses avivamentos foram movimentos de massa intimamente ligados ao ministério de carismáticos pregadores. Consistiam num chamado ao retorno à fé pessoal e

sincera, um *revival*, instavam na necessidade de uma experiência de conversão pessoal como o início de uma vida de santificação e condição imprescindível à salvação. Apregoa-se o inferno e a condenação eterna com castigo às almas impenitentes. E em muitos sermões a base de convencimento era o medo<sup>5</sup>.

Com forte influência pietistas, esses avivamentos centravam-se nas emoções. A emoção passa a ser um elemento necessário na experiência de conversão, nas pregações e nos apelos. Nesse ambiente, onde a emoção é um aspecto fulcral da experiência religiosa, encorajava-se uma espiritualidade individual, com a leitura privada da Bíblia, a meditação e a oração.

Principalmente, o evangelismo passa a ser um imperativo. A missão da igreja: salvar as almas errantes que rumam ao inferno e a danação eterna. Esse conversionismo alimentou um ímpeto missionário que ocasionaria as missões protestantes na América Latina no século XIX. Assim, o protestantismo latino-americano é fruto dessa tradição dos avivamentos.

Pode-se, portanto, observar no *biblicismo* (mais uma vez), *individualismo* e *conversionismo* a influência dos avivamentos na teologia e práxis protestante dos EUA.

### 3. FUNDAMENTALISMO

Como já se observou, nas origens puritanas da nação estadunidense encontra-se a origem de seu *messianismo*. O *messianismo*, em outras palavras, é a consciência de que os EUA são o povo escolhido por Deus para levar a luz da fé cristã e a democracia ao resto do mundo. No século XIX, contudo, esse otimismo messiânico ainda era obstaculizado pela questão da escravatura. Com a vitória da União sobre os Confederados e, por conseguinte, o fim da escravidão, esse otimismo se intensificou. O progresso inevitável da humanidade traria o reino milenar de Cristo sobre a terra. O fim

---

<sup>5</sup> Talvez o mais notório exemplo de medo como elemento de persuasão seja o famoso sermão pregado por Jonathan Edwards em 1741: “Pecadores nas mãos de um Deus irado”.

da Guerra de Secessão inaugurou o período que foi cunhado por Marsden como *Anos Dourados* (1991, p. 10).

O que de fato existia era uma predominância cultural do protestantismo. Dizia-se que a civilização norte-americana era *essencialmente cristã* e que os valores cristãos uniam a nação e forneciam uma base sólida à cidadania.

Tais clamores eram plausíveis. A civilização americana, embora nunca “Cristã” num sentido estrito, formou-se a partir de uma série de valores compartilhados que tinham um forte componente Protestante (MARSDEN, 1991, p. 10).

No entanto, a despeito dessa predominância cultural e otimismo protestante, nessa mesma segunda metade do século XIX, certas mudanças sociais começam a perturbar a *singeleza da fé*. Com a urbanização, os vínculos entre os indivíduos e suas igrejas se enfraqueciam. Nas pequenas cidades, a vida girava em torno das igrejas locais, nas metrópoles, essa lealdade se perdia. Com a industrialização e a necessidade de mais mão de obra, intensificou-se a imigração. Muitos desses imigrantes que chegavam aos EUA procediam de países católicos, e a população católica crescia numa proporção maior que a protestante.

A Secularização também é sentida nessa época.

O processo era difícil de perceber porquanto a membresia das igrejas crescia, assim a secularização não tomou sua forma mais óbvia de simples declínio do interesse pelas instituições religiosas. O oposto parece verdade. (...) Gradualmente, várias áreas da cultura americana estavam se afastando de qualquer conexão real com influências religiosas (MARSDEN, 1991, p. 14).

Assim, muitas coisas pareciam ameaçar os *Anos Dourados* do protestantismo estadunidense no século XIX. Ainda maior ameaça representava o que se convencionou chamar de Modernismo. O Modernismo, como já observado, não pode ser confundido com a própria Modernidade. Antes, o modernismo, era uma tentativa de conciliação teológica com os avanços da ciência moderna.

Superficialmente, pode-se resumir esses avanços da ciência moderna em duas teorias de diferentes áreas do conhecimento que chegavam aos EUA no século XIX vindas da Europa. No campo das ciências naturais, a teoria de Charles Darwin sobre a origem das espécies publicada em 1859, que ficou conhecida como Darwinismo, desafiava a crença na criação do mundo tal como descrita no livro de Gênesis. No domínio da exegese, a Alta Crítica que vinha da Alemanha, identificava contradições, duplicações, lacunas, entre outras coisas, nos textos bíblicos. Apesar de áreas tão distintas do conhecimento, o centro da problemática era um: deve-se ou não confiar na Bíblia?

É interessante notar porque o fundamentalismo estruturou-se como um movimento e insurgiu-se fortemente contra o modernismo nos EUA. É necessário observar novamente que o fundamentalismo surge nos EUA e não em outra parte do mundo em virtude das características do seu próprio protestantismo: um protestantismo evangélico. Como já foi dito, uma das principais características do protestantismo estadunidense é o biblicismo. Criou-se uma espécie de culto à Bíblia. Sua leitura privada era parte da devoção pessoal, uma disciplina espiritual. Mas a Bíblia também era central na constituição do pensamento e da cultura norte-americana do século XIX.

Uma resposta conservadora a essa questão foi a doutrina da *inerrância* articulada pelos teólogos do Seminário Teológico de Princeton, Archibald Alexander Hodge (1823-1886) e Benjamin Breckinridge Warfield (1851-1921). A *inerrância* – a crença numa espécie de *inspiração verbal* da Bíblia e a ausência de qualquer erro nos originais – não era novidade. “Mas o fato de que alguns protestantes conservadores estavam fazendo dela uma doutrina central do cristianismo” (MARSDEN, p.38).

Outra tendência teológica que ganha força nessa época foi o pré-milenismo dispensacionalista. O dispensacionalismo era fruto do interesse pelas profecias bíblicas, uma visão de mundo que dividia a história da humanidade em sete dispensações, ou sete formas pelas quais Deus se relaciona com os seres humanos. Segundo essa visão, a igreja vive a sexta dispensação que culminará com o advento de guerras e calamidades e então

o retorno de Cristo e a instauração de um reino milenar literal em Jerusalém. Obviamente, essa corrente de pensamento se preocupava com a defesa da *inerrância*, que adquiriu até um *status* de *teste de fé*. Outra característica é que a preocupação exclusiva da igreja passa a ser a *conversão de almas*, questões sociais são negligenciadas, o que coaduna com *individualismo* e *conversionismo* dos evangélicos conservadores.

No início do século XX a controvérsia fundamentalismo *versus* modernismo tomou definitivamente as igrejas nos EUA. O fundamentalismo se estruturou como um movimento nas primeiras décadas. Um primeiro marco importante é a publicação e distribuição do periódico *The Fundamentals*, que pretendia ser um *Testemunho da Verdade* e apresentava defesas das *doutrinas fundamentais* escritas por autores conservadores estadunidenses e britânicos, entre 1910 e 1915. A controvérsia se estenderia na década seguinte causando divisões dentro das principais denominações protestantes. Após a segunda Grande Guerra o fundamentalismo ganhou novo fôlego, ocasião em que criou-se o Conselho Internacional de Igrejas Cristãs, em 1948, uma resposta ao ecumênico Conselho Mundial de Igrejas criado um pouco na mesma semana.

O fundamentalismo exerceu e ainda exerce influência no protestantismo latino-americano, especialmente através de organizações paraeclesiais internacionais, que na América Latina promovem literatura, acampamentos evangelísticos, conferências, entre outras coisas.

#### 4. EVANGELICALISMO LATINOAMERICANO

Como já foi observado, há certa dificuldade em se definir o que é evangélico no contexto latino-americano, primeiramente há dificuldade quanto a própria aceção do termo, que foi consideravelmente alargado por aqui. Talvez não seja a melhor opção tentar entender o evangelicalismo a partir dos *Grandes Avivamentos* - como muitos são tentados a fazer -, por mais que o evangelicalismo latino-americano seja herdeiro do *avivalismo* e ainda compartilhe muitas de suas características.

Talvez seja mais apropriado entender o evangeliacismo latino-americano a partir do *Evangelical Movement* (Movimento Evangelical). O Movimento Evangelical é uma mobilização transdenominacional que se configura principalmente no pós-guerra. Tem como figura central o pastor batista Billy Graham. É um movimento teologicamente conservador, mas ao mesmo tempo procura se afastar do fundamentalismo e sua pecha de obscurantismo e intolerância. Muito embora conserve o mesmo *individualismo e conversionismo*.

O Movimento Evangelical tem como marco o Congresso Internacional para Evangelização Mundial, que ocorreu em 1974 em Lausanne, Suíça. Foi convocado por Billy Graham e gerou o Pacto de Lausanne, documento redigido pelo conhecido pastor e teólogo anglicano John Stott (1921-2011). O Movimento de Lausanne ainda promoveu mais dois encontros internacionais. O segundo foi em Manila nas Filipinas em 1992. O último foi em 2010 na Cidade do Cabo, África do Sul.

Uma característica importante do evangelicalismo é que ele é um movimento de pessoas, isto é, diferente do Movimento Ecumênico, onde as igrejas se filiam ao Conselho Mundial de Igrejas, no Movimento Evangelical a identificação é pessoal. Faz parte da consciência evangelical o sentimento de pertença a algo maior que a própria denominação. Por essa razão se diz que o evangelicalismo é transdenominacional, ou seja, atravessa diversas denominações. Presbiterianos, Batistas, Metodistas, etc., se unem normalmente em torno de um objetivo comum que transcende as barreiras denominacionais. E esse objetivo na maioria da vezes é a evangelização. Nessa característica reside a importância das organizações paraeclesiais. O pensamento e discurso evangelical são veiculados por essas organizações, tais como, por exemplo, a *World Evangelical Alliance* (Aliança Evangélica Mundial) e a *International Fellowship of Evangelical Students* (Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos – CIEE).

Como já foi dito, o evangelicalismo latino-americano é parte do Movimento Evangelical. Todavia, há particularidades do evangelicalismo latino-americano. Talvez o maior de todos os distintivos seja sua missiologia,

que coloca ação social em pé de igualdade com o a evangelização. O Movimento Evangelical, conservando o *individualismo* e *conversionismo* de sua herança *avivalista*, na prática se mostra sempre mais preocupado com a evangelização mundial. Talvez a estreiteza do evangelicalismo latino-americano com o Movimento Evangelical mundial se dê em virtude do papel das organizações paraeclesiais.

Para entender o evangelicalismo latino-americano e suas idiossincrasias é importante ter em mente uma característica específica: o protestantismo, desde sua introdução, sempre foi uma espécie alóctone no continente. A América Latina, colonizada por nações católicas, nunca teve uma presença protestante relevante até a chegada das missões estadunidenses no século XIX. E, desde sua inserção, o protestantismo nunca conseguiu se integrar culturalmente ao continente católico.

Por sua vez, as missões protestantes eram acompanhadas por certa tentativa de *dominação cultural*. É parte do *messianismo* estadunidense a pretensão de levar ao resto do mundo *liberdade*, os *valores democráticos* e a *ética protestante*. Ou seja, *evangelizar e civilizar*.

A despeito do fato do protestantismo ter sido recebido positivamente, no caso brasileiro, pela elite liberal do país, que via na religião anglo-saxã uma aliada nos anseios modernizantes, a presença estrangeira na América Latina causou tensões – *vide* o episódio da cisão entre os presbiterianos no Brasil, cujo um dos pivôs foi justamente a presença de missionários estrangeiros.

Fato é que, com o tempo, as igrejas protestantes na América Latina foram adquirindo autonomia institucional, formando sínodos, ordenando seus próprios ministros e instituindo seus próprios seminários. A forma como as igrejas estadunidenses continuaram posteriormente a exercer influência na América Latina foi principalmente através das organizações paraeclesiais. Essas organizações paraeclesiais tiveram importância na organização de muitos congressos latino-americanos que foram significativos para a história do protestantismo no continente.

Desde do início do século XX, existiram na América Latina muitos esforços de aproximação das diferentes denominações aqui inseridas. Como um primeiro marco desse ecumenismo pode-se mencionar o Congresso do Panamá em 1916. Outro marco é a criação da Confederação Evangélica do Brasil em 1934, que teve importantíssimo papel no debate protestante, especialmente pelo seu Setor de Responsabilidade Social da Igreja, responsável pela conhecida Conferência do Nordeste em 1962. Importante também é a criação da Igreja e Sociedade na América Latina (ISAL) em 1961. No entanto, todas essas organizações representavam os setores mais progressistas das igrejas protestantes na América Latina. Importa mencionar que muitos congressos aconteceram na primeira metade do século XX. Pode-se mencionar os Congressos Evangélicos Latino-americanos (CELAs).

No entanto, não serão abordados todos esse congressos. É necessário dar um salto até 1969, ano em que ocorre o primeiro Congresso Latino-americano de Evangelização (CLADE I). Foi uma reunião dos grupos mais conservadores das igrejas, que não se sentiam representados pelas propostas ecumênicas. É importante lembrar a forte polarização das igrejas que refletia as polarizações causadas pelas mudanças políticas e sociais daquele tempo. A aproximação dos ecumênicos ao referencial marxista e preocupação com mudanças sociais eram mal vistas pelos conservadores.

No mesmo ano em que acontece o Celta III, 1969, realiza-se o Clade I, agrupando os setores mais conservadores e fundamentalistas do protestantismo latino-americano, em busca de uma nova proposta de missão e de trabalho cooperativo entre as igrejas, uma vez que não se sentiam representados nas propostas do grupo ecumênico. Os pontos principais da discórdia tinham como epicentro o marxismo, o ecumenismo e a proposta pastoral de intervenção na sociedade. Partindo dessa discordância, setores “esquerdistas” do movimento evangelical vão articular sua proposta de relação com a sociedade utilizando o termo “missão” para realizar a mesma tarefa que os ecumênicos realizavam. Deixam de lado o referencial marxista e advogam outro tipo de ecumenismo e cooperação entre as igrejas do continente (LONGUINI NETO, 2002, p. 152).

O primeiro Clade é paradigmático pois é uma primeira articulação da teologia da missão integral e onde se ensaia, nos corredores do congresso, a criação da Fraternidade Teológica Latino-americana (FTL), que seria um veículo das ideias evangélicas por onde a missão integral ecoaria em Lausanne, ao mesmo tempo o Clade I é um evento organizado por setores fundamentalistas que se articulavam através de suas missões paraeclesiais.

A divisão fundamentalistas e evangélicas fica mais nítida na criação da FTL no ano seguinte, 1970. Novamente, as missões paraeclesiais fundamentalistas foram a plataforma para a realização do evento. A reunião ocorreu no centro de estudos da Missão Evangélica Andina, que era fundamentalista. A afirmação do teólogo René Padilla de que para crer na Bíblia não era indispensável a aceitação de uma teoria sobre a inspiração tal como a *inerrância* foi um ponto de debate. “Sem dúvida, as discussões demonstraram que mesmo sendo a inerrância um tema considerado crucial em certos setores norte-americanos, não o eram na América Latina” (ESCOBAR, apud LONGUINI NETO, p. 170).

## CONCLUSÃO

Sem dúvida o evangelicalismo latino-americano (se considerarmos esse *evangelicalismo autóctone* que é idealizado e passa a ser veiculado pelo trabalho da FTL e ecoa em Lausanne, Suíça) tem suas origens no fundamentalismo. Institucionalmente, o evangelicalismo latino-americano deve sua origem às organizações paraeclesiais fundamentalistas fortemente ligadas à matriz estadunidense. No entanto, quanto ao discurso, o evangelicalismo se afasta do fundamentalismo. Deixando de lado a preocupação com a inerrância e o milenarismo, que dizem mais respeito às discussões próprias que se desenvolveram nos EUA, e, principalmente, abandonando o caráter beligerante antimodernista, o evangelicalismo esforça-se por desenvolver uma teologia latino-americana. Portanto, o evangelicalismo não é uma versão reciclada do fundamentalismo. No entanto, é demasiadamente conservador para muitos militarem no ecumenismo. De fato,

ao abrir uma terceira via entre fundamentalistas e ecumênicos, o evangelicalismo não contribuiu com a construção de diálogos que vinham se desenvolvendo naquela época através do movimento ecumênico. O que, de certa forma, faz jus a acusação feita por Antônio Gouveia Mendonça de que o movimento evangelical só contribuiu para o “quietismo” das igrejas (2005, p.65).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BONINO, José Miguez. *Rostos do Protestantismo Latino-Americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectivas, 2005.

CALDAS FILHO, Carlos R. “Reino de Deus na Teologia Latino-Americana”, in: *CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – HISTÓRIA E SOCIEDADE*, São Paulo, n.5, 2º sem. 2007, p. 144-160

GALINDO, Florencio. *O fenômeno das seitas fundamentalistas*. Petrópolis: Vozes, 1995.

LONGUINI NETO, Luiz. *O novo rosto da missão*. Ultimato, Viçosa, 2002.

MARSDEN, George. *Understanding Fundamentalism and Evangelicalism*. Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1991.

MENDONÇA, Antônio G. *O celeste Porvir: A inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo, Edições Loyola, 1990.

\_\_\_\_\_. "O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas", in: *REVISTA USP*, São Paulo, n.67, setembro/novembro 2005, p. 48-67

MOTA, Zwinglio Dias. *Protestantes, Evangélicos e (neo)Pentecostais: História, Teologias, Igrejas e Perspectivas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.